

Solange

Curso : " TEORIAS GRAMATICAIIS E GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS "

prof: Charlotte Galves

Trabalho de Conclusão

Título : " TENTATIVA DE RECUPERAÇÃO DA COERÊNCIA "

Aluno: Solange Maria Leda Gallo

(1º semestre de 1983)

UNICAMP

TENTATIVA DE RECUPERAÇÃO DA COERÊNCIA

Descrição do Corpus

Este trabalho foi desenvolvido em uma classe de 7ª série, da Escola SESI de Campinas.

Os alunos desta classe já vêm relatando notícias de jornal e comentando oralmente essas notícias desde o começo do ano.

Para este trabalho foram recolhidos; a gravação do relato de uma notícia de jornal, a gravação de seis comentários orais/ do relato e posteriormente, os textos escritos sobre um tema da do, abstraído dos comentários orais, dos mesmos sete alunos.

As gravações foram transcritas e as transcrições conferidas pelos cinco professores que trabalharam com esse material.

As pausas foram marcadas obedecendo o seguinte esquema: / os cinco professores se dividiram em grupos de dois, dois e um. Exceto o elemento da equipe que não tinha par e que por isso ficou encarregado pelo funcionamento do gravador, os elementos / das duplas sentaram-se um em frente ao outro e apenas um dos / dois estava com a transcrição para ser marcada. O outro permaneceu com uma caneta na mão e os olhos fechados (para que a atenção à gravação fosse maior). Ao ouvir, então o texto o primeiro acusava com uma batida da caneta na mesa os momentos em que a / fita silenciava e o seu par marcava este momento no texto já / transcrito, onde ele acompanhava a gravação com a leitura.

Depois de todos os textos estarem marcados pelas pausas, / foi feita a comparação dos trabalhos das duas equipes e nos lugares onde havia dúvidas o trabalho foi feito novamente até que estas desaparecessem.

Pronta esta primeira etapa cada elemento da equipe partiu para trabalhar o material aqui descrito sob um diferente ponto/ de vista; levantamento dos tempos verbais comparando os textos/ orais e escritos, levantamento do envolvimento do autor comparando também os textos orais e os escritos, levantamento dos / elementos de topicalização nos textos e tentativa de reconstituição da coerência e coesão dos textos.

Hipótese

A primeira hipótese, em relação a este corpus, levantada/ pelo grupo foi que "a partir de um fato concreto os alunos chegariam facilmente a uma abstração, porém a partir de um tema /

abstrato eles dificilmente chegariam a uma fato concreto.

Feito o exame do material ficou comprovada a hipótese neste corpus, pois a partir de uma notícia de jornal que trazia o fato concreto que era a morte de um garoto de treze anos, todos os alunos que fizeram comentários ^{orais} sobre isso, abstraíram a idéia a "Drogas". Apenas um aluno, dos vinte observados, chegou na ~~co~~ ^{mentaria} ~~da~~ ^{dação} escrita a um fato concreto. *(1)

A segunda hipótese, em relação a este corpus, levantada / pelo grupo foi que "os textos orais teriam uma coerência mais / facilmente recuperável e uma coesão menos reconhecível, ao contrário dos textos escritos que teriam uma coesão mais notável e uma coerência não facilmente recuperável.

Infelizmente a comprovação desta hipótese, nesta primeira apresentação não se deu dada a impossibilidade de fazê-la sem a comparação dos trabalhos de todos os elementos da equipe, já / que alguns não o puderam concluir a tempo. *(2)

Ainda em relação a este corpus foi levantada por mim a hipótese de poder recuperar toda a coerência do texto oral e do / texto escrito, através da recuperação dos implícitos, subentendidos e pressupostos existentes nesses textos. Porém, a comprovação desta hipótese pretende se dar em relação a apenas um texto oral e um texto escrito (do mesmo aluno) que se encontram / nesse corpus. Foram escolhidos os textos do aluno Dorival, que / foi quem fez o relato da notícia oralmente e a redação escrita, posteriormente.

Segue-se logo após as observações *(1), *(2) a transcrição do relato. *(3) e uma fotocópia da notícia de jornal.

*(1) Eu acho esta idéia importantíssima de ser trabalhada e pretendo continuar o levantamento de material e dados com os alunos, com o acompanhamento de teorias que possam ajudar-me, / pois que o aprofundamento desse assunto poderá trazer a nós, / professores de língua portuguesa, mais elementos para o trabalho de produção de textos nas séries de primeiro grau.

*(2) Fica então, a comprovação desta segunda hipótese, como proposta de trabalho a ser desenvolvido e concluído para uma segunda apresentação.

*(3) As pausas não aparecem marcadas porque nesta abordagem elas não são tão necessárias.

Garoto Fábio de 13 anos foi encontrado morto debaixo de uma perua kombi e quem quem matou foi o garçom e falou que tava perseguindo ele e preo e preocu fez o crime em legítima alegou que fez em legítima defesa daí os pais do do menino se revoltaram porque/ o o garoto nunca tinha bebido fumado nada ele era um menino assim da escola pr'a casa da casa pa escola mas então mas o eles descobriram o pai os pais do garoto que o através dos colegas que o garoto tava co começando a sair c'um traficante de drogas é Eduardo Gambetta num sei ele é famoso ele tá aí em prisão condicional/ ~~ele tava né então ele foi e começaram a ser amigo por condicional~~ ele tava né então ele foi e começaram a ser amigo por causa da / droga daí desde então o garoto começava a ser meio diferente até/ que eles ficaram bem amigo e o tal Eduardo levou ele pr'o Jardim/ Chapadão pr'a assaltá uma casa um casal né então eles n'um conseguiram chamaram os home lá uns garçons e mais dois homens corre-/ ram atrás deles a até o opala né o Eduardo Gambeta conseguiu fu-/ gir então no meio do tiroteio o menino foi tentá se escondê e tava entrando debaixo de uma perua no que ele foi o garçom atirou / bem nas costas do menino o garm disse que ele tava c'uma arma mas como é que ele tava c'uma arma e se tivesse c'uma arma ele tinha/ acertado no peito ele mesmo desmentiu porque acertou nas costa / como é que ele tava c'uma arma apontada pr'a ele se ele tava de / de costa pr'o cara aí aí que. aí que prova que qualqué um fica diferente na com droga.

Dorival - Redação : DROGA

Drogas como o próprio nome já diz é uma droga.

Não serve para nada, simplesmente nada. Isto apenas prejudica o homem (ou mulher) moralmente, como fisicamente, como economicamente.

Em primeiro lugar Fisicamente: A droga, seja maconha, cocaína ou outra coisa não importa vai diretamente no sangue, enfraquece-o e deixa de um homem (ou mulher) saudável um monte de ossos.

Em segundo lugar Moralmente: Uma pessoa viciada em drogas / modifica os seus atos, deixando-os anti-social. Ninguém as quer / (errado, quando uma pessoa se encontra neste estado temos que conversar, ajudá-la a sair do vício).

Economicamente: A droga além de tudo é cara- a pessoa viciada faz tudo para conseguí-la.

Em resumo " A Droga é uma droga". *(4)

*(4) Esta transcrição é absolutamente fiel ao texto original,

INTRODUÇÃO

Segundo Widdowson, a recuperação dos implícitos, subentendidos e pressupostos só é possível quando se reconhece o "ato / ilocucional" do falante.

Pôde-se comprovar, através do levantamento dos tempos verbais dos dois textos, seguindo a proposta de Weinrich, que o / texto oral do Dorival se caracteriza como (narrativa) relato, / por causa da natureza dos verbos do grupo que constitui a maioria. Assim como, através da mesma análise pôde-se comprovar que o texto oral caracteriza-se como comentário.

Tendo-se constatado, portanto que se trata de um relato e de um comentário, seguindo a idéia de Austin, reconhece-se, então dois atos ilocucionais; no texto oral o ato ilocucional é / relatar e no escrito, comentar.

Tentativa de Recuperação da Coerência do texto oral

Então, partindo-se da premissa que no texto oral o ato / ilocucional do aluno foi relatar uma notícia de jornal, então, a partir de uma comparação entre o texto original (a notícia)*(5) e a sua enunciação foi possível detectar os implícitos, subentendidos e os postos e pressupostos.*(6)

Em um nível mais abrangente encontramos que ter Dorival / relatado a notícia deixa implícito que ele a autenticou com o seu dizer.

Dentro de uma classificação psicológica o relato apresenta, a nível da enunciação, alguns subentendidos, ora como manifestação involuntária, ora como manobra estilística:

-Dorival escolheu esta notícia para relatar e não outra. Subentende-se então seu interesse pelo objeto desta notícia, porém / não é necessário atribuir a ele a vontade de manifestar esse interesse ou a consciência desse interesse.

- É interessante notar o enfoque dado pelo Dorival sobre o "menino" (o que aconteceu a ele e como aconteceu), deixando de lado todos os outros enfoques que aparecem no texto original (pais //, advogados, justiça, sequência de fatos depois da morte, etc.) Esse enfoque se dá no momento em que ele faz do seu relato uma / reconstituição dos fatos que vão desde o menino antes do envolvimento todo, até o menino morto.

*(5) A notícia do jornal está anexada ao trabalho, na última parte deste.

Isto pode ter relação com as idades iguais do Dorival e do menino. Essa hipótese seria evidenciada se pudéssemos comprovar/que um adulto (talvez um pai de um garoto dessa idade) ao rela-/tar tal notícia, fizesse um enfoque diferente que poderia ser, /por exemplo, a posição dos pais do garoto diante dos fatos.

Considero isso como uma manobra estilística do Dorival que teria se dado a nível psicológico.

Ainda a nível da enunciação, o relato apresenta outros subentendidos, porém agora vistos dentro de uma classificação lógica.

- Dorival fez um relato de uma notícia de jornal ora, não se faz isso a não ser que se acredite que o ouvinte esteja interessado/nisso então subentende-se que Dorival acreditava que o(s) ouvinte(s) estivesse(m) interessado(s) no relato da notícia de jornal.

- Dorival fez o relato; ora, não se faz um relato a não ser que /se acredite que o ouvinte esteja entendendo sua enunciação, então subentende-se que Dorival acreditava estar sendo entendido /pelo ouvinte. *(7)

- Ora; não se faz um relato ainda a não ser que se tenha tomado/conhecimento da notícia do jornal, então subentende-se que Dorival tomou conhecimento desta notícia.

- Dorival fez o relato da notícia com palavras muitas vezes diferentes das palavras da própria notícia e não se seleciona os fatos a não ser que se tenha interpretado tal notícia, então subentende-se que Dorival interpretou a notícia.

Além dos subentendidos a nível da enunciação, encontrou-se implícitos a nível do enunciado.

Segue-se aqui duas colunas que mostram os "postos" do aluno ao lado dos "postos" correspondentes no texto do jornal. *(8)

*(7) Segundo Grice, ele teria acreditado estar sendo entendido pelo ouvinte através do reconhecimento por parte do ouvinte, da sua intenção, que era relatar uma notícia de jornal, e segundo Searle ele não só acreditou estar sendo entendido porque o ouvinte sabia da sua intenção de relatar uma notícia de jornal, com aquela enunciação, mas também porque aquela era uma enunciação convencionalmente usada para esse fim.

*(8) Todo o levantamento destes postos (pág. 5-7) foi feito pela aluna Christine Guillemin Stolz.

DORIVAL

ARTIGO

1. Garoto Fábio de 13 anos foi encontrado morto debaixo de uma perua kombi.

2. Quem quem matou foi o garçom.

3. e falou que tava perseguindo ele.

4. e preo e preoc fez o crime em legítima alegou que fez em legítima de fesa.

5. daí os pais do do menino se revoltaram.

6. porque o o garoto nunca tinha bebido fumado nada ele era um menino / assim da escola pr'a casa da casa / pr'a escola.

7. Mas então mas o eles descobriram/ o pai os pais do garoto que o atra - s vés dos colegas que o garoto tava / cot começando a sair é um traficante de drogas ~~é Eduardo Gambetta~~.

8. Eduardo Gambetta
9. num sei ele é famoso

1'. O corpo do garoto Fábio Fernando de Lima, 13 anos, /foi encontrado..... embaixo de uma perua kombi.

2'.a polícia chegou até o garçom... Este confirmou/ ter assassinado Fábio...

3'.no Opala Comodoro / usado para perseguir Fábio/ e Gambetta...

4'. o garçom...alegou legítima defesa

5'. Família:revolta ...os / pais de Fábio não se conformaram com o ocorrido...

6'. o Fábio jamais pegou nu ma arma. Não fumava, não be bia...o garoto..., lobinho/ (escoteiro e não apelido), / aluno da 4ª série..., sócio/ de vários clubes...

7'. um amigo de Fábio disse a Miguel Cândido ^{pai de Fábio} de que esta va em frente ao colégio.... quando viu o colega sair em companhia de Eduardo Gambetta, um traficante de dro- / gas...

~~o pai do Fábio~~

8'. Eduardo Gambetta ^{6'} ~~co-~~ / nhecido traficante de dro- / gas.

6. ele já fez ele tá em prisão condicional ele tava né

7. então ele foi e começaram/ a ser amigo por causa da droga daí desde então o garoto começava a ser meio diferente ~~até~~ ~~que eles ficaram bem amigo~~

7 ...até que ~~eles ficaram~~ bem amigo ~~12~~ e o tal de Eduardo levou/ ele pr'o Jardim Chapadão eles/ moravam no Guarani ~~o tal leva-~~ ~~ram pr'o Jardim Chapadão~~

8. o ele levaram ~~pr'o Jardim Chapadão~~ 8. pr'a assaltá uma casa um ~~casal né~~

9 um casal né

9. então eles num conseguiram chamaram os home lá uns garçons e mais dois homens correram / atrás deles a até o opala né

10. o Eduardo Gambetta conse- / guiu fugir

10 então no meio do tiroteio

11. o menino foi tentá se es- condê e tava entrando debaixo de uma perua / ~~11~~ que ele foi o garçom atirou bem nas costas/ do menino

11. ... que está em regime de pri- são - albergue

12. Eduardo Gambetta... responsá- vel pelo "possível" comportamento de Fábio

13. ... o garoto não era bandido/ e foi aliciado pelo traficante de/ drogas, Eduardo Gambetta, na porta da escola...no Jardim Guarani...na porta da sua (do Eduardo) casa, no Jardim Guarani...~~foi encontrado...~~ no Jardim Chapadão

14. foi encontrado no Jardim Chapadão. 14. foi aliciado...para a prática/ do assalto. 15. o casal que teria si- do assaltado...reconheceu Gambetta como sendo o autor do assalto...

16. o garçom... apontou dois / colegas de trabalho como os elemen- tos que o acompanhavam no Opala Co- modoro usado para perseguir Fábio / e Gambetta ...

17. Miguel e o cunhado... segunda/ feira... montaram campana na porta/ da sua (do Eduardo) casa... aguar- dando o momento em que ele saísse

10' 18. o garçom...atirou...tiro de re- vólver, calibre 38. Ao lado do cor- po foi encontrada uma garrucha Rossi calibre 32, sem munição...ele atirou no Opala... no momento ~~em que o~~ garoto procurava refúgio ~~embaixo de uma~~ perua Kombi

11. o garçom...atirou pelas costas/ ~~no momento que o garoto procurava se~~ ~~fugir embaixo de uma perua kombi~~

12 ~~12~~. o garçom disse que ele tava c'uma arma

~~12~~. mas como é que ele tava c'uma arma e se tivesse c'uma arma ele tinha acertado no peito ele mesmo desmentiu porque acertou / nas costa / ¹³ como é que ele tava / c'uma arma apontada pr'a ele se ele tava de costa pr'o cara

14 ~~14~~ aí aí que aí que prova que / qualqué um fica diferente com / droga

12¹

~~12~~. o garçom disse que ele atirou no Opala

~~12~~. ...o garçom...alegou legítima defesa...a jaqueta que Fábio usava foi perfurada pela bala e não deixa dúvida de que o menino foi ferido pelas costas, ~~quando fugia~~

13¹ quando fugia

14¹ ~~14~~ ... o Fábio jamais pegou / numa arma. Não fumava, não bebia e não podemos acreditar que ele atirou em alguém...lobinho...aluno de 4ª série...sócio de vários clubes. ..o garoto não era bandido... o

~~o garçom~~ garçom disse que ele / atirou no Opala...foi aliciado pelo traficante de drogas...para a / prática do assalto

Orientando-se por estas colunas pôde-se perceber os seguintes implícitos;

- Comparando 4 e 4' concluiu-se que para o aluno alegar legítima de fesa implica fazê-lo em relação a algum fato.
 - Comparando 5 e 5' concluiu-se que para o aluno, a família não se/ se conformar e "família" aparecer no jornal ao lado da palavra "re- volta" implica em a família ter se revoltado.
 - Comparando 6 e 6' concluiu-se que para o aluno, o menino ter essa descrição(6') implica em o menino não ir a lugar nenhum sozinho que não seja escola e casa.
 - Comparando 7 e 7' concluiu-se que para o aluno Fábio ter saído com Eduardo Gambetta naquela noite implica já tê-lo conhecido, ou melhor, já ter saído outras vezes com ele.
 - Comparando 8 e 8' concluiu-se que para o aluno, ser conhecido im- plica ser famoso (embora o próprio Dorival nunca ter ouvido falar ne le).
 - Comparando 9 e 9' concluiu-se que para o aluno, estar em regime de prisão albergue implica estar em prisão condicional e ainda estar em prisão condicional implica estar preso, mas Eduardo Gambetta não es- tava preso naquele momento, portanto não poderia mais estar em pri- são condicional.
 - Comparando 10 e 10' concluiu-se que para o aluno, ser responsável/ pelo comportamento de Fábio implica dar-lhe droga, ficar amigo por / causa desta droga e ainda torná-lo diferente por este mesmo motivo.
 - Comparando 11 e 11' concluiu-se que para o aluno, ser aliciado im- plica ser levado por um ou mais de um elemento. A escola ser no Gua- rani implica em Fábio morar no Guarani, assim como Eduardo Gambetta/ e ter sido encontrado no Jardim Chapadão implica em o assalto ter si do neste bairro.
 - Comparando 12 e 12' concluiu-se que para o aluno, praticar um as- salto implica assalto a uma casa e o casal ter reconhecido Eduardo / Gambetta implica que este casal é que foi assaltado.
 - Comparando 13 e 13' concluiu-se que para o aluno, um garçom e mais dois elementos os terem perseguido implica em Fábio e Eduardo G. não terem conseguido concluir o assalto e implica ainda em o casal ter / chamado essas pessoas.
- Um opala comodoro ter sido usado perseguir Fábio e Gambetta im plica em os perseguidores chegarem até um opala.
- Comparando 14 e 14' concluiu-se que para o aluno, E. Gambetta estar em sua casa na segunda-feira seguinte ao crime implica em o mesmo / ter fugido no dia do ocorrido.
 - Comparando 15 e 15' concluiu-se que para o aluno, ter havido tiro /

de revólver calibre 38, uma garrucha calibre 32 e um possível tiro no opala implica ter havido tiroteio.

- Comparando 17 e 17' concluiu-se que para o aluno, dizer que Fábio atirou no opala implica dizer que ele estava com uma arma.

- Comparando 18 e 18' concluiu-se que para o aluno, Fábio ter sido ferido pelas costas quando fugia implica que ele não estava de frente para o garçom e, portanto este não tinha uma arma apontada para ele (já que o menino estava de costas)e, portanto quando alegou legítima defesa ele mentiu e os fatos o desmentiram.

- Comparando 19 e 19' concluiu-se que para o aluno, ter Fábio essa descrição (19'-a) implica ser ele um tipo de menino, mas ter ele se envolvido com um traficante de drogas, participado de um assalto e atirado no opala (19'-b) implica ter ele se transformado em outro tipo de menino (ter ficado diferente). Ser E. Gambetta um traficante de drogas implica em Fábio ter tomado drogas e ainda Fábio ter ficado diferente implica que qualquer um poderia ficar.

*(9)

TENTATIVA DE RECUPERAÇÃO DA COERÊNCIA DO TEXTO ESCRITO

Então, voltando a Widdowson e a Austin, parte-se agora de uma segunda premissa; "no texto escrito o ato ilocucional do Dorival foi comentar um tema abstrato proposto". Então, a partir daí foi possível, mas uma vez, detectar os implícitos e subentendidos, postos e pressupostos.

Em um nível mais abrangente encontramos que "ter Dorival afirmado certas proposições deixa implícito que ele autenticou essas proposições com o seu escrever.

Dentro de uma classificação psicológica o comentário escrito apresenta, a nível da enunciação, um implícito como manifestação involuntária:

- Dorival afirmou certas proposições e não outras, subentende-se então ele pensar essas proposições sobre o assunto e não outras. Porém, não é necessário atribuir a ele a vontade de dizer essas proposições, nem a consciência dessa vontade.

Ainda a nível da enunciação, o comentário escrito apresenta outros subentendidos, porém agora obedecendo a uma classificação lógica.

- Dorival fez um comentário sobre um tema proposto; ora não se faz isso a não ser que se acredite que o ouvinte esteja interessado nisso, então subentende-se que D. acreditava que o ouvinte estivesse interessado no seu comentário.

*(9) As comparações de 1 e 1', 2 e 2', 3 e 3' e 16 e 16' não

- Ora, não se faz isso, ainda a não ser que se tenha conhecimento do assunto, subentende-se então que Dorival tira conhecimento do assunto proposto: Drogas. *(10)

Ao buscar, os implícitos a nível do enunciado, deparou-se / com uma dificuldade: O levantamento dos implícitos a nível do / enunciado no texto oral foi possível porque o ato ilocucional do Dorival, quando relatou, estava fundamentado em um outro ato ilocucional anterior que foi o que permitiu a existência do texto / original (notícia de jornal) . Considera-se esse ato anterior / "Informar". Então, a partir daí pôde-se fazer o levantamento dos / implícitos por comparação. O mesmo não pôde ser feito com o texto escrito, por ter esta força ilocucional de comentar e a recuperação dos implícitos ser determinada por um "conhecimento de mundo" que vai variar de leitor para leitor.

Porém, a recuperação da coerência pôde se dar aqui em outro nível - a nível da "pressuposição".

A análise que se segue é semelhante a uma já feita por Eduardo Guimarães. ~~Porém, na sua análise~~ ele considera que os pressupostos, (a nível do discurso, e não a nível da frase como mostrou Ducrot) garantem a isotopia e portanto a coerência do discurso, / pois que estes se mantêm durante todo o discurso, enquanto que os postos vão se acrescentando garantindo o seu desenvolvimento.

Neste texto escrito do Dorival (pág. 5) realmente há uma proposição que se mantém durante todo o discurso e que garante sua / isotopia, mas que é a princípio um posto e não um pressuposto.

P - Droga é uma droga.

P - como o próprio nome já diz.

P.P. - Droga é uma droga.

P. - não serve pr'a nada, simplesmente nada.

P.P. - Droga é uma droga.

p. - Isto apenas prejudica o homem (ou mulher) moralmente, como fisicamente, como economicamente.

P.P. - Droga é uma droga.

p. - Em primeiro lugar fisicamente.

P.P. - Droga é uma droga.

p. - A droga seja maconha, cocaína ou outra coisa não importa.

*(10) Aqui também tornou-se possível a aplicação das teorias de Grice e Searle, ou seja, subentende-se ainda que Dorival acreditava estar sendo entendido pelo leitor através do reconhecimento /

P.P. - Droga é uma droga.

p. - vai diretamente no sangue, enfraquecendo-o.

P.P. - Droga é uma droga.

p. - e deixa de um homem (ou mulher) saudável um monte de ossos.

P.P. - Droga é uma droga.

p. - em segundo lugar moralmente.

P.P. - Droga é uma droga.

p. - Uma pessoa viciada em drogas modifica seus atos, deixando-os anti-social, ninguém as quer (errado, quando uma pessoa se encontra nesse estado temos que conversar, ajudá-la a sair do vício)

P.P. - Droga é uma droga.

p. - Economicamente.

P.P. - Droga é uma droga.

p. - além de tudo é cara.

P.P. - Droga é uma droga.

p. - a pessoa viciada faz tudo para conseguí-la.

P.P. - Droga é uma droga.

p. - em resumo.

Então, pôde-se ver pela interpretação conduzida através dessa análise que todas as informações vinculadas pelo discurso, estão / inscritas dentro dos limites de "Droga é uma droga", portanto aqui/ este posto garante a isotopia do discurso e conseqüentemente sua / coerência.

CONCLUSÃO

Com este trabalho chegou-se à conclusão que realmente se pôde recuperar a coerência dos textos escolhidos, através da recuperação dos implícitos, subentendidos pressupostos dos textos. .

A recuperação da coerência a nível da enunciação se deu a par tir do reconhecimento dos atos ilocucionais do falante e através do próprio contexto. Em outras palavras, a partir do reconhecimento do ato ilocucional do falante foi possível a recuperação da coerência/ de sua enunciação, pois os implícitos e subentendidos desta ficaram explícitos pelo contexto. Portanto, em uma situação real de comunicação o contexto é o ponto de referência para a recuperação da coe-

Assim, neste trabalho, a recuperação dos implícitos e subentendidos da enunciação oral e escrita se deu através da explicitação dos mesmos, tomando-se como ponto de referência o contexto.

Porém, a recuperação dos implícitos e pressupostos a nível do enunciado, já necessitou, além do reconhecimento dos atos ilocucionais do falante, outros pontos de referência que não o contexto, somente.

Considerando reconhecidos os atos ilocucionais "relatar" (texto oral) e "comentar" (texto escrito), os implícitos e pressupostos, e conseqüentemente a coerência, foram recuperados, no caso do relato, por exemplo, tomando-se como ponto de referência o texto original. Já no caso do comentário escrito, isto se deu através da recuperação dos limites em que se inscreveu o enunciado (isotopia). Neste último caso, a recuperação da coerência poderia ainda se dar, tomando-se como ponto de referência um "conhecimento de mundo" do falante e do ouvinte, simultaneamente.

Observação: - Ainda, aproveitando o corpus descrito, provavelmente se chegue à recuperação da coerência de um comentário oral mais facilmente do que à do comentário escrito, por estar o primeiro em um contexto (ponto de referência) mais explicativo do que o contexto em que se deu o comentário escrito. Considerando que seja feita uma análise comparativa dos dois textos a nível da enunciação.

Isto comprovaria parte da segunda hipótese levantada.

Bibliografia

- 9 - WIDDOWSON, H. G. - "Discourse" in. Teaching language as Communication Oxford Univ. Press., 1978, pág. 23-59.

- 6 - SEARLE, John - "What is a speech act?" in. M. Black (ed.), Philosophy in America, Allen E. Unwin and Cornell University Press, 1965, pág. 221 a 239; publicado também in. Pier Paolo Giglioli (ed.), Language and Social Context, Penguin Education, 1972, pág. 136 a 154.
(Traduzido para o português por João Wanderley Geraldi e Sírio Possenti)

- 2 - DUCROT, Oswald - "Implicito e pressuposição" in. Princípios de Semântica Linguística - Dizer e não dizer - São Paulo, Cultrix, 1977 - / pág. 09 a 33.

- 3 - GUIMARÃES, Eduardo. - "Pressuposição e Isotopia do Discurso: considerações preliminares" in. Estudos Linguísticos - Série Estudos nº 2, / Instituto de Letras das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, / Uberaba, 1976, pág. 11 a 19.

- 4 - WEINRICH, H. - Le Temps: Editions du Seuil. Paris VI - 1973

- 1 - ~~Chambres~~ ^{Bettes}, Bernard - "Thematization et progression thématique dans le récit d'enfants" in. Langue Française, n.º 38. - La Rousse -

- 5 - ~~Roulet~~ ^{Roulet}, Eddy - Teorias Linguísticas, Gramáticas e Ensino de Línguas - Editora Pioneira (tradução Geraldo Cintra) - 1978

- 4 - ROCHA, Maria Theresza Froga - Crise na linguagem, ^{A Redação do Vestibular} - Editora Mestre Jou - 1981